

## Discurso sobre Marcelo<sup>1</sup>

Débora Santos Shinohara<sup>2</sup>

Marco Cláudio Marcelo, objeto do discurso *De Marcelo*, de autoria de Cícero, foi um famoso orador e advogado no século I a.C. Em 51 a.C., tornou-se cônsul. Desde o princípio de seu consulado, Marcelo esteve ao lado de Pompeu no que se refere à tentativa de abreviar o comando de César na Gália. Sugeriu que César tivesse seu mandato encerrado, visto que já havia terminado a guerra na Gália; propôs que não se desse a César o benefício de disputar eleições para o consulado de 48 a.C. ausente de Roma.

Quando começou a Guerra Civil, Marcelo não participou das batalhas e se exilou voluntariamente em Mitilene, onde permaneceu após a vitória de César. Em 46 a.C., César concedeu o perdão a Marcelo. O ditador se lembrou dos entevos que tivera com Marcelo e disse que ele era um de seus maiores inimigos, mas submeteu ao Senado a decisão sobre o perdão. Como os senadores foram a favor do perdão, César exerceu sua clemência e perdoou o desafeto.

Cícero, que desde o julgamento de Milão não discursava, decidiu expressar seu agradecimento ao ditador e voltou a fazer um discurso: *De Marcello*.

---

<sup>1</sup> O texto-fonte utilizado nesta tradução se encontra na seguinte obra: CICERO. “Pro Marcello”. In: *Orations* (translated by N. H. Watts). Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931. Todas as notas são de responsabilidade da tradutora.

<sup>2</sup> Esta tradução é resultado de trabalho de iniciação científica intitulado “Introdução e tradução do *De Marcello*, de Cícero”, desenvolvido no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Adriano Scatolin e com bolsa da Fapesp.

Contudo, Marcelo nunca voltou a Roma. Num primeiro momento, ele não se animou com a notícia da possibilidade de poder voltar à cidade, e permaneceu ainda por oito meses em Mitilene. Quando retornaria, foi assassinado por um de seus criados.

(1) O prolongado silêncio<sup>3</sup>, senhores senadores<sup>4</sup>, que eu adotara nestes tempos, não por algum temor, mas em parte<sup>5</sup> pela dor<sup>6</sup>, em parte pela vergonha, teve fim com o dia de hoje<sup>7</sup>; esse mesmo dia representou o ponto de partida para dizer<sup>8</sup> aquilo que eu quero e penso, de acordo com o meu antigo costume. Pois não posso de modo algum deixar passar em silêncio<sup>9</sup> tamanha brandura, essa clemência<sup>10</sup> de tal modo inédita e inaudita<sup>11</sup>, tamanho<sup>12</sup> comedimento em meio ao poder extremo sobre todas as coisas, enfim, uma sabedoria tão incrível e quase divina. (2) Sim, senhores senadores, com a restituição de Marco Marcelo<sup>13</sup> a vós e à República, julgo que a minha própria voz e autoridade foram restabelecidas e preservadas a vós e à República, não apenas as dele. Com efeito, senhores senadores, eu atormentava-me muitíssimo e lamentava que um homem tal, embora defendesse a mesma causa que eu, não compartilhasse da mesma sorte; não podia me convencer e nem acreditava ser moral nos entregarmos à nossa

---

<sup>3</sup> Cícero, de maneira bastante engenhosa, começa seu discurso por “O prolongado silêncio”. Essa introdução mostra qual é seu foco: o silêncio em questão diz respeito ao período em que o Arpinate ficou sem discursar em público, de 52 a 46 a.C., ano de *De Marcello*.

<sup>4</sup> Os senadores aparecem apenas três vezes como interlocutores de Cícero (parágrafos 1, 2 e 13). No resto do discurso, Cícero se dirige a César.

<sup>5</sup> O uso de *partim... partim* (“em parte... em parte”) é exemplo de anáfora, artifício que Cícero utiliza bastante.

<sup>6</sup> A dor a que Cícero se refere pode dizer respeito à perda de *status*.

<sup>7</sup> A expressão *hodiernus dies* aparece com certa frequência no discurso; a ênfase no “dia de hoje” aparece pelo fato de Cícero voltar a discursar com *De Marcello*.

<sup>8</sup> Cícero se utiliza da antítese ao contrapor o fim do silêncio prolongado no passado ao início da possibilidade de discursar novamente. Nesse contexto, como se afirmou anteriormente, *hodiernus dies* ganha sentido especial.

<sup>9</sup> Cícero fecha o primeiro parágrafo, o exórdio do discurso, com “não posso deixar passar em silêncio”. Assim, mais uma vez dá ênfase a seu silêncio progressivo.

<sup>10</sup> Neste ponto, aparece o que muitos estudiosos consideram o ponto-chave deste discurso: a referência à *clementia* de César. O ditador perdoou diversos adversários após o término da Guerra Civil (entre eles o próprio Cícero), algo incomum em Roma até então.

<sup>11</sup> É comum ao estilo ciceroniano utilizar dois nomes parecidos para se referir a palavras com significados semelhantes, como ocorre em “inédita e inaudita” (*inusitatam inauditamque*).

<sup>12</sup> A sequência de *tantum* e *tam* marca não só uma anáfora, recurso bastante utilizado pelo Arpinate, mas a intensificação de características boas de César, seu interlocutor na maior parte do discurso.

<sup>13</sup> A ênfase do segundo parágrafo recai sobre Marco Marcelo.

antiga conduta, enquanto o rival e imitador de meus trabalhos e obras era de mim<sup>14</sup>, aquele que era uma espécie de aliado e companheiro<sup>15</sup>, separado<sup>16</sup>. Portanto, Caio César, tu desobstruíste para mim as atividades, até então impedidas, de minha antiga vida, e de algum modo deste a todos um sinal de que se deve ter esperança sobre o bem de toda a República.

(3) Pois na verdade ficou claro, pelo menos para mim, que em muitos casos, principalmente no meu próprio, mas há pouco no de todos, que ao admitir Marco Marcelo no Senado e na República<sup>17</sup>, sobretudo após recordar seus insultos<sup>18</sup>, preferiste a autoridade desta ordem e a dignidade da República aos teus ressentimentos e às tuas suspeitas. Na verdade ele colheu de todos no dia de hoje o fruto maior<sup>19</sup> de sua vida pregressa, tanto pelo consenso absoluto do Senado, como por tua tão importante e séria decisão. Baseado nisso, com certeza<sup>20</sup> entendes quão grande honra há neste favor concedido, quando tamanha glória há nesta aceitação. (4) É verdadeiramente<sup>21</sup> afortunado aquele cuja salvação não despertará uma alegria menor em todos os homens<sup>22</sup> do que a que está prestes a vir para ele próprio<sup>23</sup>. Isso certamente lhe

---

<sup>14</sup> Cícero adota a estratégia de se assemelhar a Marcelo; para o Arpinate, o perdão concedido ao amigo é também seu próprio retorno à República. Isso coloca o discurso também na categoria judicial, pois buscar semelhanças entre o cliente e o advogado é uma estratégia típica dessa modalidade.

<sup>15</sup> *Socio et comite* (“Aliado e companheiro”): neste ponto, Cícero novamente se utiliza da tática de utilizar dois nomes com significados parecidos.

<sup>16</sup> Há um hipérbato na sentença, separando *a me* de *distracto* (“era de mim” e “separado”). Assim, a forma e o significado se unem, uma vez que Cícero concomitantemente trata de seu afastamento de Marcelo e representa tal separação no discurso afastando as palavras empregadas para indicá-la.

<sup>17</sup> Conforme Cícero relata em *Ad Familiares* IV, 4, carta endereçada a Sérvio Rufo, numa sessão do Senado Lúcio Pisão mencionou o nome de Marco Marcelo, o que fez com que César dissesse que, se fosse a vontade do Senado, o perdoaria, embora Marcelo manifestasse bastante seu ódio pelo ditador. Na sequência, o Senado suplicou a César o perdão de Marco Marcelo, e seu primo, Caio Marcelo, ajoelhou-se aos pés de César implorando clemência ao parente.

<sup>18</sup> A oposição de Marcelo a César se deu nem tanto pelo apoio a Pompeu: Marcelo se opôs ao fato de César querer permanecer na Gália por mais tempo e foi contra a proposição de César de concorrer ao consulado *in absentia*. Marcelo também ficou do lado de Milão em seu julgamento pelo assassinato de Clódio, que era partidário de César.

<sup>19</sup> Em “fruto maior” (*fructum... maximum*) há um hipérbato, já que normalmente *maximum* precede o substantivo. Com tal ordem, cria-se, mais do que suspense, uma surpresa, de acordo com Gotoff. (In: GOTOFF, H. C. *Cicero's Caesarian Speeches: A Stylistic Commentary*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1993. p. 22).

<sup>20</sup> A palavra *profecto*, traduzida por “certeza”, expressa uma necessidade forçada sobre alguém (GOTOFF: 1993, p. 22).

<sup>21</sup> A palavra *vero*, traduzida por “verdadeiramente”, marca uma asserção bastante forte em língua latina, ressaltando-se novamente a *clementia* cesariana ao perdoar Marcelo.

<sup>22</sup> Referência a Senado.

<sup>23</sup> Marcelo se encontra exilado em Mitilene e desconhece a decisão do perdão. Aqui, há um artifício retórico de Cícero para elogiar a decisão de César, já que Marcelo não pediu perdão ao ditador nem mostrou alegria ao saber da notícia.

aconteceu por mérito e pelo seu mais legítimo direito<sup>24</sup>. De fato, quem é superior a ele seja na origem nobre, na honradez, na dedicação às melhores habilidades, na integridade ou em qualquer tipo de louvor?

A ninguém é dada tamanha riqueza de engenho, a ninguém<sup>25</sup> é dada tamanha capacidade para falar ou escrever, tamanhos recursos, que não possa, não direi adornar, mas relatar, Caio César, os teus feitos. Contudo, assevero, e isto direi com todo respeito a ti, que dentre eles não há maior honra do que essa que alcançaste no dia de hoje. (5) Costumo muitas vezes ter bem clara em minha mente e empregar<sup>26</sup> prazerosamente em conversas habituais a ideia de que todos os feitos dos nossos comandantes, todos os feitos das nações estrangeiras e dos povos mais poderosos, todos<sup>27</sup> os feitos dos reis mais notórios não podem ser comparados aos teus nem pela grandeza das disputas, nem pela quantidade de batalhas<sup>28</sup>, nem pela variedade de locais de combate<sup>29</sup>, nem pela rapidez em encerrar as guerras, nem<sup>30</sup> pela diferença entre elas. E nem ainda terras tão separadas podiam ser percorridas mais rapidamente pelos passos de alguém do que foram iluminadas não direi por tuas jornadas, mas por tuas vitórias. (6) É certo que, se eu não admitisse que tais feitos são tão grandiosos que dificilmente a inteligência ou o pensamento de alguém poderia concebê-los, seria louco: há, contudo, outros ainda mais grandiosos. De fato alguns homens costumam, por meio de palavras, dar menor importância às honras militares, tirá-las dos comandantes, compartilhá-las com muitos, para que não sejam próprias dos generais. Certamente também são muito úteis no exército o valor dos soldados, a vantagem na posição, as forças militares dos aliados, as esquadras e as provisões: a verdade<sup>31</sup> é que a Fortuna reivindica para si como que por

---

<sup>24</sup> Neste ponto, Cícero num primeiro momento elogia Marcelo, dizendo que o perdão é merecido pelo amigo; na sequência, entretanto, garante que o perdão é um direito legítimo de Marcelo.

<sup>25</sup> A repetição de *nullius... nullius* (“a ninguém ... a ninguém”) é mais um exemplo de anáfora no discurso. Pela retomada da expressão, Cícero engrandece os feitos de César, tão grandiosos que se tornam impossíveis de serem narrados.

<sup>26</sup> No começo do quinto parágrafo, Cícero utiliza as palavras *saepe*, *crebris* e *usurpare* (“costumo”, “habituais” e “empregar”), que dão uma ideia frequentativa à frase.

<sup>27</sup> Novamente, ao iniciar três frases por *omnis* (“todos”), Cícero ornamenta o discurso utilizando-se de anáfora.

<sup>28</sup> Ao usar, em sequência, disputa (*contentionum*) e batalha (*proeliorum*), Cícero traça um caminho que vai do mais geral para o mais específico.

<sup>29</sup> Durante a Guerra Civil, César lutou sozinho na Hispânia, na África Setentrional, no Egito, na Ásia Menor e na Grécia. Antes, lutara na Gália e na Britânia.

<sup>30</sup> Cícero também emprega a anáfora no uso repetido de *nec* (“nem”) em cinco ocasiões.

<sup>31</sup> Para Gotoff (1993, p. 28), a ordem *Nam... certe... vero* (“De fato”... “certamente”... “na verdade”) cumpre o papel de, respectivamente, tema, justificativa e contratema.

direito próprio<sup>32</sup> a parte mais importante, e aquilo que ocorreu favoravelmente, julga-o praticamente todo seu. (7) Por outro lado<sup>33</sup>, esta glória, Caio César, que há pouco adquiriste<sup>34</sup>, para ela não tens companheiro algum: tudo isso é – seja qual for a sua importância, e certamente é enorme –, tudo isso é<sup>35</sup>, eu insisto, teu. Desta honra, nada leva para si o centurião, nada leva o oficial, nada leva a coorte, nada<sup>36</sup> leva o esquadrão de cavalaria: além disso, a própria Fortuna, senhora dos eventos humanos, não se apresenta para compartilhar esta glória. Ela cede a ti, admite ser toda tua<sup>37</sup> e particular a ti; pois nunca a impetuosidade se mistura à sabedoria, nem o acaso é admitido no planejamento. (8) Subjugaste povos de bárbara selvageria<sup>38</sup>, de incontável número, de imensuráveis territórios<sup>39</sup>, de abundantes recursos de toda espécie: no entanto venceste aquilo que tinha não só a natureza, mas também as circunstâncias para que pudesse ser vencido, pois não há poder tão grande que não possa ser enfraquecido e aniquilado pela força e pela espada. Vencer a bravura, conter a cólera<sup>40</sup>, ter moderação com o vencido, não apenas reanimar um adversário<sup>41</sup> de notável origem, capacidade e valor, quando abatido, mas ainda engrandecer seu prestígio de outrora – quem assim o fizer, eu não o comparo com os maiores homens, mas o tenho como muito semelhante a um deus<sup>42</sup>. (9) Desta maneira, Caio César, tuas honras militares serão certamente enaltecidas não apenas pelas nossas letras e língua<sup>43</sup>, mas praticamente pelas de todos os povos, e nenhuma geração jamais calará diante de teus êxitos. Contudo, de alguma maneira

---

<sup>32</sup> A expressão “como que por direito próprio” (*quase suo iure*), do campo jurídico, é frequentemente usada.

<sup>33</sup> A expressão “Por outro lado” (*at vero*) neste caso se configura como antítese forte, ressaltando a glória de César.

<sup>34</sup> Diz respeito ao perdão de Marco Marcelo.

<sup>35</sup> A repetição de *totum est* (“tudo isso é”) é utilizada para marcar a insistência de Cícero em expressar a glória de César naquele momento.

<sup>36</sup> Novamente Cícero se utiliza de anáfora no uso repetido de *nihil* (“nada”). Esse recurso estilístico é empregado para destacar a glória exclusiva de César, não dividida com ninguém.

<sup>37</sup> A expressão *tuam esse totam* (“ser toda tua”) funciona como um eco de *totum esse... tuum* (“tudo isso é teu”), que aparece um pouco antes no discurso, designando os méritos exclusivos de César.

<sup>38</sup> Para Baños (1991, p. 52), Cícero pensa nos gauleses, bretões e germânicos, povos muito temidos pelos romanos que foram submetidos por César. (In: CICERÓN. *Discursos cesarianos*. Prólogo, traducción y notas de José Miguel Baños Baños. Madrid: Alianza Editorial, 1991.)

<sup>39</sup> Cícero aponta a dificuldade de vencer povos bárbaros, com grandes territórios, para amplificar os feitos de César.

<sup>40</sup> Conter a cólera é característica essencial para o projeto político da *clementia*.

<sup>41</sup> Referência a Marcelo e ao próprio Cícero.

<sup>42</sup> Aqui se dá uma antítese entre “homem” e “deus”, marcada pelas palavras *non... sed* (“não... mas”). O uso da palavra “deus” também pode ser considerado uma hipérbole, e dá continuidade à caracterização de César (na seção 1, Cícero qualifica a sabedoria de César como quase divina).

<sup>43</sup> *Litteris atque linguis* marcam uma aliteração, comum ao estilo médio.

feitos desta natureza, ainda quando lidos, parecem abafados pelo clamor de soldados e pelo som das trombetas. Por sua vez<sup>44</sup>, quando escutamos ou lemos<sup>45</sup> que algo foi feito com clemência, brandura, justiça, precaução, sabedoria – sobretudo em meio à cólera, que é inimiga da sensatez, e em meio à vitória, que por natureza é altiva e orgulhosa – somos então inflamados<sup>46</sup> por tal paixão, não apenas no caso dos feitos reais, mas também no dos fictícios, que muitas vezes estimamos aqueles que nunca vimos! (10) Quanto a ti<sup>47</sup>, a quem contemplamos em pessoa, de quem percebemos sabedoria, discernimento e ainda postura, tais que desejas em segurança quaisquer resquílios de guerra que a fortuna deixou à República, com que louvores exaltaremos? Com que avidez acompanharemos? Com que benevolência receberemos? Valha-me Júpiter, as paredes desta cúria, pelo que me parece<sup>48</sup>, anseiam agradecer-te<sup>49</sup> porque em breve aquela autoridade se encontrará na morada de seus ancestrais e na sua própria. De minha parte, quando há pouco presenciei convosco as lágrimas de Caio Marcelo<sup>50</sup>, um homem excelente e dotado de notável devoção, tomou-me o peito a memória de todos os Marcelos, aos quais, mesmo mortos, devolveste a dignidade com a preservação de Marcelo, libertando sua tão nobre família, reduzida já a poucos, quase da extinção. (11) Desta maneira, tu terás razão em preferir este dia às tuas enormes e inumeráveis satisfações. De fato, este gesto é característica particular de Caio César: os outros feitos, executados sob teu comando, são seguramente importantes, mas contaram com o apoio de uma equipe numerosa e considerável. Desta ação, por outro lado, tu és ao mesmo tempo comandante e companheiro. Ela de fato é tão grande que o tempo trará fim a teus troféus e monumentos – pois nada há feito pelo trabalho e pelas mãos que a posteridade não esgote e consuma –, (12) mas tua justiça e brandura florescem<sup>51</sup>, a cada dia, mais. Assim, quanto mais o tempo tirar de tuas obras, mais conferirá a teus elogios. E é certo

---

<sup>44</sup> Gotoff (1993, p. 35) novamente aponta que o parágrafo é construído em progressão lógica, com *itaque... sed... at vero* – “desta maneira” (tema), “contudo” (qualificação) e “por sua vez” (contratema).

<sup>45</sup> “Escutamos ou lemos” faz referência a *litteris atque linguis*.

<sup>46</sup> A metáfora com *incendimur* eleva o tom do parágrafo.

<sup>47</sup> A expressão “Quanto a ti” (*te vero*) direciona a argumentação diretamente a César. O pronome *te* no início do parágrafo marca um longo hipérbato.

<sup>48</sup> Gotoff (1993, p. 39) observa que a expressão *ut mihi uidetur* (“pelo que me parece”) aparece 16 vezes na obra de Cícero: quatro vezes em discursos, cinco em cartas e sete em tratados. No caso, Cícero a utiliza para qualificar a hipérbole.

<sup>49</sup> Cícero se utiliza tanto de uma personificação (as paredes da cúria) quanto de uma hipérbole.

<sup>50</sup> Caio Marcelo, primo de Marco Marcelo, ajoelhou-se aos pés de César no Senado para pedir perdão ao primo. As lágrimas dizem respeito à decisão tomada pelo ditador.

<sup>51</sup> *Florescem* traz personificação ao trecho, visando ao ornato do discurso.

que já antes vencers todos os outros vencedores de guerras civis em justiça e misericórdia<sup>52</sup>: mas no dia de hoje venceste a ti mesmo. Temo que isto que direi possa não ser entendido ao se ouvir do modo como eu mesmo, ao pensar, percebo: parece que a própria vitória venceste, quando devolveste aos vencidos o que ela conquistara. Com efeito, embora pelos próprios termos da vitória fosse justo que todos nós tivéssemos sido mortos depois de vencidos, fomos preservados pelo discernimento de tua clemência. Com justiça, portanto, és o único invencível, por quem até mesmo os termos e a natureza da própria vitória foram derrotados.

(13) Além disso, senhores senadores<sup>53</sup>, atendem a quão vasta aplicação tem esta decisão de Caio César. De fato, nós todos que fomos compelidos àquela guerra por algum destino deplorável e infeliz à República, embora sejamos tomados por alguma responsabilidade no campo dos erros humanos, certamente estamos absolvidos de um crime. É que quando, por vossa intervenção, preservou Marco Marcelo para República, e quando, sem intervenção alguma, restituiu-me tanto a mim mesmo como, igualmente, à República, e tantos outros ilustríssimos homens (de quem notas nesta própria reunião não só a assiduidade, mas também a dignidade) tanto a si mesmos como à pátria, ele não conduziu inimigos<sup>54</sup> para a cúria, mas julgou que a maioria empreendera uma guerra mais por ignorância e por um medo<sup>55</sup> enganoso e vazio do que por cobiça ou crueldade. (14) Certamente<sup>56</sup> durante a guerra sempre acreditei que se devesse dar ouvidos às intervenções pela paz, e sempre<sup>57</sup> me causou dor que não apenas a paz, mas também o discurso de cidadãos que imploravam pela paz<sup>58</sup> fossem rejeitados. De fato eu nunca tomei parte nem daquela nem de qualquer outra guerra civil, e sempre as minhas resoluções estiveram associadas à paz e à toga, não à guerra e às armas<sup>59</sup>. Acompanhei

---

<sup>52</sup> A misericórdia se refere à *clementia* de César. Para Gotoff (1993, p. 43), neste ponto a *clementia* deixa de ser apenas uma característica pessoal de César e passa a ser uma virtude política.

<sup>53</sup> Esta é a última referência aos senadores no discurso. Depois deste ponto, o interlocutor passa a ser César.

<sup>54</sup> No texto original, utiliza-se a palavra *hostis*. No latim, ao contrário da palavra *inimicus*, *hostis* é reservado a inimigos externos ou a cidadãos considerados inimigos da República.

<sup>55</sup> Marcelo foi ao exílio em Mitilene voluntariamente, por medo de César.

<sup>56</sup> Neste parágrafo, Cícero começa uma digressão, expondo seu ponto de vista em relação à guerra, mostrando-se partidário da paz.

<sup>57</sup> A repetição de “sempre” reforça a busca de Cícero pela paz.

<sup>58</sup> Cícero emprega diversas vezes a palavra paz para reforçar o seu ponto de vista na Guerra Civil.

<sup>59</sup> A antítese entre *pacis et togae* e *belli atque armorum* (“paz e toga” e “guerra e armas”) reforça a postura de Cícero na Guerra Civil.

um homem por um dever pessoal, não público<sup>60</sup>; e tamanho poder teve sobre mim a recordação fiel de um espírito grato, que sem interesse, nem mesmo esperança fui arrastado, por assim dizer, voluntariamente à ruína, com prudência e conhecimento de causa. (15) No que concerne à minha resolução<sup>61</sup>, pelo menos, ela não se mostrou obscura em momento algum. Com efeito, tanto aqui, no Senado, discurssei muito pela paz enquanto a situação ainda estava indefinida, como<sup>62</sup> na própria guerra mantive o mesmo pensamento, ainda que correndo risco de vida<sup>63</sup>. Consequentemente, nenhum crítico dessas questões ora será tão injusto que questione qual foi a intenção de César na guerra, visto que ele imediatamente decidiu preservar a vida dos defensores da paz, enquanto com os demais foi um tanto colérico. Por outro lado, talvez isso fosse menos admirável naquele momento, quando o desfecho era incerto e o sucesso da guerra, duvidoso: contudo, aquele que, quando vitorioso, estima os defensores da paz, com certeza revela que preferia não lutar a vencer. (16) Além disso<sup>64</sup>, por certo, sirvo como prova de tal fato para Marco Marcelo, pois nossos pensamentos sempre estiveram de acordo tanto na paz como na guerra: quantas vezes e com quanto desgosto eu o vi temeroso da insolência de algumas pessoas, bem como da brutalidade da própria vitória<sup>65</sup>! É por isso, Caio César, que a tua generosidade em relação a nós, que a presenciemos, deve-nos ser muito grata. Com efeito, os interesses não devem já ser comparados entre si, mas as vitórias. (17) Vimos a tua vitória concluída com o fim das batalhas; não vimos vazia a bainha da espada<sup>66</sup> na cidade. Os cidadãos que perdemos, o poder de Marte os abateu, não a fúria da vitória, de sorte que ninguém deve duvidar<sup>67</sup> que há muitos a quem Caio César, se assim o pudesse fazer, traria de volta dos mortos,

---

<sup>60</sup> Novamente uma antítese entre pessoal e público marca a posição de Cícero.

<sup>61</sup> A resolução em questão é a política de paz, e não o fato de ter ficado do lado de Pompeu.

<sup>62</sup> O paralelismo *et in... et in* (“tanto... como”) mostra duas situações em que Cícero se exime de culpa por sua postura.

<sup>63</sup> Plutarco (2010: p. 159) relata que, após a derrota dos pompeianos na batalha de Farsália, Catão quis formar uma resistência, da qual queria que Cícero participasse. Cícero negou e manifestou sua vontade de abandonar a luta, uma vez que era partidário da paz. Por tal ato, o orador quase foi assassinado pelo filho de Pompeu, mas foi salvo pela intervenção de Catão: “Cícero, porém, recusou o cargo e, rejeitando completamente integrar a campanha, por pouco não chegou a ser morto quando o jovem Pompeu e seus amigos desembainharam as espadas, chamando-lhe traidor. Catão colocou-se no meio, afastou-os a custo e levou-o para fora do campo.” (In: PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*. Tradução, introdução e notas de Marta Várzeas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010).

<sup>64</sup> A expressão *atque huius quidem* (“além disso”) marca uma transição no discurso.

<sup>65</sup> Cícero se refere ao perigo de o vencedor adotar antigas práticas comuns em Roma, como o assassinato ou o exílio de inimigos políticos.

<sup>66</sup> No original “bainha vazia” é *vagina uacuum*, que apresenta uma aliteração.

<sup>67</sup> No caso, há uma aliteração como um argumento de cunho emocional.



visto que ele preserva daquelas mesmas fileiras tantos quanto consegue. Quanto à outra facção, não direi mais do que aquilo que todos receávamos, que a vitória teria sido demasiadamente furiosa. (18) De fato havia alguns que ameaçavam não apenas aqueles que participavam dos combates, mas às vezes ainda aqueles que estavam afastados da política; e declaravam<sup>68</sup> que se devia considerar não o que cada um tinha como opinião, mas onde estivera; de modo que para mim, ao menos, parece que os deuses imortais<sup>69</sup>, que, mesmo tendo aplicado um castigo ao povo romano por causa de alguma transgressão, provocaram tamanha e tão dolorosa guerra civil<sup>70</sup>, quer já apaziguados, quer enfim saciados, confiaram toda a esperança de salvação à clemência e ao bom-senso do vencedor.

(19) Por isso alegre-te com este teu bem tão distinto e goza tanto da boa sorte e da glória como também da tua natureza e caráter, de que provém enorme proveito e encanto para o sábio. Quando te recordares de teus outros feitos, mesmo que inúmeras vezes te regozijes com o teu valor, na maior parte dos casos o farás com a tua felicidade; toda vez que pensares em nós, a quem desejavas junto a ti na República, também pensarás em teus benefícios mais notórios, em tua generosidade inacreditável, em tua<sup>71</sup> sabedoria peculiar: ousarei afirmar que tais qualidades não são apenas os maiores bens, mas certamente os únicos. Pois tamanha magnificência há na verdadeira honra, tamanho prestígio na grandeza de espírito e de resolução, que tais elementos parecem ser presentes da virtude, os restantes concedidos pela sorte. (20) Portanto, não te canses<sup>72</sup> de preservar os homens de bem, sobretudo aqueles que vacilaram não por alguma ambição ou defeito moral, mas por uma concepção talvez tola do dever, sem dúvida não desonesta, e por certa imagem da República, pois não é tua culpa se algumas pessoas sentiram medo de ti; pelo contrário, é tua máxima honra que elas fossem da opinião de que não eras nada temível.

---

<sup>68</sup> Tanto “ameaçavam” (*minabantur*) quanto “declaravam” (*dicebant*) estão no pretérito imperfeito e se referem a uma época que acabou com a derrota de Pompeu.

<sup>69</sup> Neste ponto, Cícero atribui aos deuses imortais a clemência e o bom-senso.

<sup>70</sup> Guerra Civil, em latim, normalmente é *bellum ciuile*. Na passagem, entretanto, aparece *ciuile bellum*, o que confere ênfase ao adjetivo.

<sup>71</sup> A anáfora de “em tua”/“em teus” seguida de qualidades positivas de César, como o benefício, a sabedoria e a generosidade, reforça a grandeza deste.

<sup>72</sup> Cícero utiliza o imperativo (*noli defetigari*) para dar conselhos sobre política a César, exortando-o a preservar homens de bem neste contexto pós-Guerra Civil.

(21) Agora passo a tratar<sup>73</sup> de tua tão séria queixa e tão pesada suspeita, com as quais devem tomar tanto cuidado<sup>74</sup> quanto tu não só todos os cidadãos, mas principalmente nós que fomos preservados por ti: esta suspeita, contudo, embora esperando que seja falsa, nunca deixarei de a atenuar. De fato, a tua precaução é a nossa precaução. É que, se tiver de cometer um dos dois erros, preferiria parecer demasiadamente tímido a pouco providente. Mas quem é esse indivíduo tão louco? Algum dos teus? – e contudo quem é mais dos teus do que aqueles a quem devolveste a salvação inesperada?<sup>75</sup> Porventura daquele grupo que esteve em tua companhia? Não se pode acreditar que haja tamanha loucura em alguém a ponto de não colocar acima da sua a vida do comandante cujas ordens o fizeram alcançar tudo o que há de mais importante. Ou talvez se os teus não planejam crime algum, cumpre precaver-se para que os inimigos não o façam? Quais? pois todos que o foram ou perderam a vida por sua obstinação<sup>76</sup>, ou a preservaram por tua misericórdia, de modo que ou não nos resta inimigo algum, ou aqueles que o foram agora são os mais amigos. (22) Contudo<sup>77</sup>, já que no espírito dos homens há tamanhos esconderijos e lugares secretos, aumentemos então a tua suspeita, pois aumentaremos ao mesmo tempo teu cuidado. De fato, quem é tão ignorante sobre todos os acontecimentos, tão grosseiro em política, tão negligente não só com a sua salvação, mas também com a de todos, a ponto de não compreender que a sua salvação está ligada à tua própria, e que somente da tua vida, de uma só vida, depende a de todos? De minha parte quando reflito sobre ti dia e noite (como é meu dever), assusto-me não só com os acasos humanos, mas também com os desdobramentos incertos da saúde, e ainda com a fragilidade de nossa natureza comum; também lamento, já que a República deve ser imortal, que essa existência esteja em função da alma de um único mortal<sup>78</sup>. (23) Contudo, se aos acasos humanos e às perturbações incertas da saúde acrescenta-se ainda a propensão comum para o crime e para a perfídia, que deus, se assim desejar, acreditamos poder ajudar a República?

---

<sup>73</sup> Transição temática explícita. Quando um orador anuncia a mudança de assuntos, atribui-se a essa figura o nome de prótese.

<sup>74</sup> Para Gotoff (1993, p.63), *cautio* traz os significados de cuidado e segurança. Além disso, é apontado que, se César não fosse assassinado em 44 a.C., provavelmente também Cícero não o seria em 43 a.C.

<sup>75</sup> Cícero dissolve a antiga posição de inimigos de muitos partidários de Pompeu, inclusive ele e Marcelo, e os coloca como apoiadores de César, conforme se verifica ao longo do parágrafo.

<sup>76</sup> Este trecho pode ser entendido como uma referência a Catão, que se matou após a vitória de César.

<sup>77</sup> Cícero retorna à abordagem do começo do parágrafo 21.

<sup>78</sup> Para Baños (1991, p. 61), muitos estudiosos veem esse trecho como uma crítica à ditadura de uma pessoa, e, em consequência, uma crítica a César.

Cabe a ti, Caio César, unicamente, avivar tudo o que percebes estar destruído e arruinado pelo chão, pela impetuosidade da própria guerra, como era forçoso: devem ser restabelecidos os tribunais, retomada a confiança, reprimidos os desejos, multiplicada a população<sup>79</sup>: tudo<sup>80</sup> o que, dissipando-se, já se perdeu deve ser contido por leis severas. (24) Era de se aceitar que, em meio a tamanha guerra civil, a tamanho<sup>81</sup> ardor nos ânimos e nas armas, qualquer que fosse o resultado da guerra, a República enfraquecida perderia grande parte tanto das distinções de sua dignidade como do sustentáculo de sua estabilidade; e ambos os comandantes, estando em guerra, cometeriam muitos atos que, em época de paz, eles mesmos teriam proibido de serem feitos. Na verdade, agora tu deves cicatrizar todas estas feridas da guerra, que ninguém além de ti pode curar. (25) E assim<sup>82</sup> ouvi, contrariado, aquelas tuas tão famosas<sup>83</sup> e sábias palavras: “Vivi tempo o bastante ou para a natureza ou para a glória”. O bastante<sup>84</sup>, se assim desejas, talvez para a natureza; acrescento ainda, se te agrada, para a glória: ora, para a pátria, que é o que mais importa, certamente pouco. Por isso deixa de lado, por favor, essa sabedoria dos homens instruídos em desdenhar da morte: não sejas sábio à custa do nosso risco. De fato frequentemente chega a meus ouvidos que andas repetindo demasiadamente que, para ti, tu já viveste o bastante. Eu acredito: mas apenas daria ouvidos a isso se vivesses unicamente para ti, ou ainda se tivesses nascido unicamente para ti. Teus feitos compreenderam a salvação de todos os cidadãos e da República inteira<sup>85</sup>: estás tão longe de completar tuas obras mais importantes, que ainda não lançaste os alicerces daquilo que planejas. Tu definirás nesta altura a extensão de tua vida não pela salvação da República, mas pela tranquilidade do espírito? Mas e se isto não for suficiente nem para a tua glória? Desta glória não negarás que és sobremaneira ávido, embora sejas sábio.

---

<sup>79</sup> Como a guerra fez com que a população diminuísse muito, César buscou dar incentivos a famílias numerosas e proibiu que homens entre 20 e 40 anos ficassem fora de Roma por mais de três anos, segundo informação de Baños (1991, p. 62).

<sup>80</sup> Para Gotoff (1993, p. 68), o *omnia* (“tudo”) marca a transição para o tema principal do resto do discurso: os caminhos pensados para o bem da República.

<sup>81</sup> Aqui, há uma anáfora em *tanto... tanto* (“tamanho... tamanho”) em que Cícero ao mesmo tempo dimensiona e compara a Guerra Civil e os ânimos despertados por ela.

<sup>82</sup> Cícero realiza a transição para um tema de importância no contexto do discurso, que é a duração da vida de César.

<sup>83</sup> No original, “tão famosas” (*praeclarissimam*) está no superlativo. Para Gotoff (1993, p. 70), pode haver ironia no uso do superlativo.

<sup>84</sup> Neste ponto, Cícero se debruça sobre as palavras do ditador para refutar, polidamente, a ideia de César.

<sup>85</sup> Aqui, há um contraste entre *soli* (“unicamente”), *omnium* (“de todos”) e *cunctam* (“inteira”), ressaltando o importante papel político de César, em oposição à sua vida particular.

(26) Bem, então tu perguntarás – abandonaremos as obras pouco importantes?<sup>86</sup> Muito longe disso. Embora sejam suficientes para muitos outros, unicamente para ti são insignificantes. De fato qualquer obra que exista, por mais vasta que seja, é insignificante para ti, quando existe algo mais vasto. É que, Caio César, se a consequência de teus feitos imortais tivesse sido que, depois de venceres completamente teus adversários, deixasses a República no estado em que ela agora se encontra, cuida, por favor, para que o teu divino valor venha a ter mais admiração do que glória: isso se de fato a glória for a célebre e ampla fama obtida pelos grandes serviços prestados ou aos concidadãos, ou à pátria, ou a toda a espécie humana. (27) Portanto, resta-te este papel; falta-te este ato<sup>87</sup>; debes aplicar teus esforços para que organizes a República e para que tu, acima de tudo, dela desfrutes em tranquilidade<sup>88</sup> e paz extremas. Então, se assim desejares, não só quando tiveres pagado à pátria aquilo que debes, mas também quando tiveres satisfeito a própria natureza com a saciedade de viver, diz, então, que viveste o bastante. Com efeito, qual é o sentido, de maneira geral, da própria ideia de bastante tempo, quando há um final? Quando ele chega, todo o prazer passado de nada vale, uma vez que depois disso nenhum outro haverá. Todavia este teu espírito nunca se contentou com estes limites para viver que a natureza nos concedeu: sempre se ardeu de desejo pela imortalidade<sup>89</sup>. (28) E, na verdade, não debes considerar como tua vida esta que é composta de corpo e respiração. Aquela é a tua vida, aquela, repito, aquela<sup>90</sup> é a tua vida, que sobreviverá na memória de todos os séculos, que a posteridade fortalecerá, que a própria eternidade sempre guardará. É a esta que cumpre estares sujeito, é a esta que cumpre te revelares – ela que certamente já há tempos tem muito a admirar: e agora ainda espera algo para louvar. Seguramente as gerações futuras pasmarão quando ouvirem e lerem sobre os teus comandos, as províncias (o Reno, o Oceano, o Nilo<sup>91</sup>), as tuas incontáveis batalhas, as tuas inacreditáveis vitórias, os monumentos, os jogos

---

<sup>86</sup> Para Gotoff (1993, p.74), Cícero imagina o que César está pensando. O artifício retórico que cria a ficção de um diálogo é a *sermonatio*. Esse procedimento é comum ao discurso judiciário, especialmente quando se colocam palavras na boca dos adversários em benefício próprio.

<sup>87</sup> Cícero utiliza uma metáfora do teatro para advertir César sobre o que lhe falta fazer para a República.

<sup>88</sup> Gotoff (1993, p. 77) observa que a tranquilidade corresponde ao repouso privado e ao retiro da vida política. A um líder só é possível tal tranquilidade se a sociedade estiver bem organizada e em paz.

<sup>89</sup> Segundo Gotoff (1993, p. 78) esta metáfora é muito intensa e descreve uma ambição forte. De 18 ocorrências de tal metáfora nos discursos, apenas duas vezes ela não é associada a elementos negativos.

<sup>90</sup> A repetição de *illa* (“aquela”) mostra a empolgação do orador.

<sup>91</sup> As referências a rios e mares dizem respeito, respectivamente, às vitórias de César na Gália, na Bretanha e no Egito.

públicos, os triunfos. (29) Porém a não ser que esta cidade se torne estável por meio de tuas resoluções e leis, teu nome apenas vagará longa e largamente: não terá morada<sup>92</sup> certa nem domicílio fixo. Também haverá entre aqueles que nascerão, tal como houve entre nós, uma grande divergência, quando uma parte elevar os teus feitos aos céus pelos louvores, outra talvez buscar algo que eventualmente seja o mais importante, a menos que apagues o incêndio da guerra civil com salvação da pátria, de modo que aquilo pareça ter sido causa do destino, e isto resultado de tuas deliberações. Portanto, sujeita-te àqueles juízes que te julgarão depois de muitos séculos, e na verdade talvez de modo mais imparcial do que nós; pois te julgarão não só sem afeição, mas também sem interesse, e ainda sem ódio, como também sem inveja<sup>93</sup>. (30) E ainda que isso<sup>94</sup>, como alguns julgam equivocadamente, não te diga respeito, agora certamente te concerne que te comportes de modo a que esquecimento nenhum jamais possa apagar as tuas honras.

Opostos<sup>95</sup> eram os interesses dos cidadãos; diferentes, os seus pensamentos, pois divergíamos não só em opiniões e inclinações, mas também em armas e acampamentos. É que havia certa obscuridade; havia uma disputa entre ilustríssimos comandantes: muitos questionavam sobre o que seria melhor, muitos sobre o que lhes seria vantajoso, muitos sobre o que era conveniente, alguns ainda sobre o que era permitido. (31) A República se libertou desta guerra infeliz e funesta; venceu aquele que não inflamou o seu ódio pelo êxito, mas o abrandou pela bondade<sup>96</sup>; que também não julgou serem dignos mesmo do exílio ou da morte todos aqueles com quem estava furioso. Por uns, as armas foram depostas; por outros, arrancadas. Ingrato e injusto é o cidadão que, livre do perigo das armas, mantém ainda seu ânimo armado, de maneira que chega a ser melhor aquele que sucumbiu na batalha, que deu seu último suspiro pela causa. De fato, o que a alguns pode parecer obstinação, a outros pode parecer constância. (32) Porém está já toda divergência quebrada pelas armas, destruída pela justiça do vencedor: resta que todos, pelo menos no caso daqueles que têm não apenas alguma sabedoria, mas também

---

<sup>92</sup> A palavra latina *sedes*, além do sentido de morada, traz a acepção de sede do governo.

<sup>93</sup> Este trecho tem pensamentos antitéticos, contrapondo afeição a interesse, ódio e inveja.

<sup>94</sup> *Id* (“Isso”) se refere ao julgamento da posteridade.

<sup>95</sup> Para Gotoff (1993, p. 83), representar os interesses dos cidadãos como diversos tem a função de garantir a César que ele não precisa de modo algum sentir-se culpado pela Guerra Civil.

<sup>96</sup> A oposição se dá entre César e Pompeu. Conforme Gotoff (1993, p. 84), Cícero documenta em algumas cartas a intenção de Pompeu em usar da brutalidade caso fosse vencedor. (*Ad Familiares*, IV, 7, 2; *Ad Familiares*, IV, 9, 2).

bom-senso, desejem a mesma coisa. A não ser que tu, Caio César, estejas salvo, bem como persistindo neste pensamento que antigamente empregavas e sobretudo hoje empregas, não podemos estar salvos<sup>97</sup>. Por isso nós todos, que desejamos que isto esteja salvo, exortamos e suplicamos a ti que veles por tua vida e saúde; e, já que julgas haver algo oculto com o qual se deve tomar cuidado, todos – para falar também em nome dos outros o que penso a meu próprio respeito – prometemos a ti não apenas vigilância e custódia, mas também a proteção de nossos troncos e corpos.

(33) Contudo, para o discurso ser encerrado no mesmo ponto em que começou<sup>98</sup>, todos dispensamos grandes agradecimentos a ti, Caio César, e maior ainda é a gratidão que temos. De fato, todos sentem o mesmo, como pudeste perceber pelos pedidos e lágrimas de todos. Ora, já que não há necessidade de todos se levantarem e discursarem<sup>99</sup>, certamente desejam que eu discurse, a quem de certa maneira isso é necessário; e entendo que quando Marco Marcelo foi restituído por ti a este Senado, ao povo romano e à República, foi feito aquilo que era preciso<sup>100</sup>. Com efeito, sou da opinião de que todos se alegram não pela salvação de apenas um, mas de todos. (34) Ora, certamente neste momento, livre de grandes preocupações, doenças e sofrimentos, devo me sobressair no que diz respeito à extrema afeição – minha afeição em relação àquele sempre foi do conhecimento de todos, de modo que apenas a de Caio Marcelo me superava, seu excelente e amoroso irmão<sup>101</sup>, e a de ninguém mais com exceção da dele – uma vez que o mostrei com minha inquietação, preocupação e esforço durante todo o período em que se duvidou de sua salvação<sup>102</sup>. Desta maneira, Caio César, assim agradeço-te, pois, apesar de não apenas ter sido preservado em todos os aspectos por ti, mas também ter sido tratado com distinção, ainda foi acrescido por este fato um

---

<sup>97</sup> A segurança de César aparece como segurança pública.

<sup>98</sup> Novamente aparece a figura da prótese, já que Cícero anuncia no discurso sua transição. No caso, o orador anuncia uma estrutura circular do discurso, uma retomada do início da oração – o agradecimento a César pelo perdão de Marcelo.

<sup>99</sup> Nas sessões do Senado, quando os senadores permaneciam sentados, manifestavam apoio a quem estivesse discursando. Se quisessem exprimir uma opinião diferente, levantavam-se.

<sup>100</sup> Gotoff (1993, p. 89-90) aponta que a expressão *quod fieri decet* (“foi feito o que era preciso”) é deliberadamente imprecisa, uma vez que não se sabe ao certo se o orador está se referindo ao perdão concedido a Marcelo ou à restauração da República executada por César.

<sup>101</sup> Cícero ainda se refere ao primo de Marco Marcelo. Conforme Baños (1991, p. 67), era comum utilizar *frater* para um primo muito próximo.

<sup>102</sup> Cícero se refere às muitas cartas que escreveu a Marcelo durante o exílio deste.

grandioso desfecho aos incontáveis serviços prestados unicamente a mim, apesar de eu ter julgado isso impossível de ser atingido.

### **Referências bibliográficas**

CICERO. *Letters to friends*, v.2 (edited and translated by D.R. Shackleton Bailey). Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. “Pro Marcello”. In: *Orations* (translated by N. H. Watts). Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931.

CICERÓN. *Discursos cesarianos*. Prólogo, traducción y notas de José Miguel Baños Baños. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

GOTOFF, H. C. *Cicero's Caesarian Speeches: A Stylistic Commentary*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1993.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*. Tradução, introdução e notas de Marta Várzeas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

Data de envio: 23 de junho de 2015.

Data de devolução: 23 de julho de 2015.

Data de publicação: 10 de setembro de 2015.